



**Ministério do Turismo e
PrismaCultural apresentam**

Histórias

— que o povo conta —

**Conheça os personagens e as lendas
que fazem parte do imaginário dos
moradores de São João Batista**

Patrocínio Master

Realização



SECRETARIA ESPECIAL DA
CULTURA

MINISTÉRIO DO
TURISMO



Ministério do Turismo

Secretaria Especial da Cultura

Patrocínio Master

Havan S.A (conf. art.18 Lei 8.313)

Site

www.minhasantacatarina.com.br

Parceria

O Município: pesquisa histórica, levantamento de informações e hospedagem web.

Coordenação geral

Sérgio Valle / PrismaCultural

Coordenação editorial

Marcelo Reis

Produção executiva

Andrei Paloschi

Assistente

Everton Caetano

Pesquisa e textos

Jornal O Município

Miriany Farias

Ilustrações

Ed Carlos

Pesquisa de fotos

Marcelo Reis

Projeto gráfico, montagem e versão final

Raffcom

Desenvolvimento web

ServerDo.in

A cidade das boas histórias

São João Batista é recheada de personagens folclóricos e lendas urbanas que permeiam o imaginário dos moradores

São João Batista é uma terra de muitas histórias e personagens marcantes. São diversas lendas e causos que permeiam o imaginário dos moradores da cidade, principalmente, dos mais antigos, e que tornam a história do município ainda mais rica.

Ao longo dos anos, vários personagens foram surgindo, com jeitos únicos e que mesmo depois de falecidos ainda são lembrados, como Leleu - homem de bom coração que andava pelas ruas da cidade arrastando seu carrinho de brinquedo.

Os moradores lembram com carinho tam-

bém da Nega Vitalina, senhora que morava atrás da igreja matriz e sempre tocava o sino da igreja quando havia algum enterro.

Outro personagem marcante da história da cidade e que ainda hoje é muito lembrado pelos moradores é o Japonês do Saco, que andava pelas ruas da região, sempre calado e carregando um saco nas costas.

Antonio Manoel da Silva, o Bentivi, é outro personagem muito lembrado pelos batistenses. O vendedor de louças tinha muitos amigos e andava pela região com sua carroça vendendo seus produtos.

Suzana que ficava sempre na janela puxando assunto com todos que passavam em frente a sua casa também é famosa entre os moradores de São João Batista, tanto que o lugar onde ficava sua casa ficou conhecido como Volta da Suzana.

Além dos personagens marcantes, São João Batista também tem muitas lendas urbanas, como a do lobisomem do Arataca, a do fantasma do Homem de Botas e a casa mal-assombrada do Carmelo e tantas outras que estão bem vivas na memória de moradores de todas as idades.

Sumário

Personagens

Frida, a parteira de São João Batista	4
Leleu, o ícone batistense	5
Lá vem a Nega Vitalina	6
O misterioso Japonês do Saco	7
Bentivi, o vendedor de louças	8
É lá na Volta da Suzana	9
Pedro Cego e sua viola	10
Os doces saborosos de Dona Palmira	11

Lendas

Lobisomem do Arataca	12
O fantasma do Homem de Botas	13
A casa mal-assombrada do Carmelo	14

A parteira de São João Batista

Mais de cinco mil bebês nasceram pelas mãos da enfermeira obstétrica Frida

Sem hora e sem lugar, Frida Fernandes Camargo, 79, realizou mais de 5 mil partos em São João Batista. Natural de Braço do Norte, no sul do estado, ela se formou em enfermagem obstétrica, pelo Departamento de Saúde Pública, em Florianópolis.

O início da carreira profissional foi na antiga Maternidade Chiquinha Gallotti, em Tijucas. E foi naquela cidade que conheceu e se casou com Edegar dos Santos Camargo, 79.

O sonho de ser parteira surgiu ainda na infância, quando via os homens a cavalo indo buscar as parteiras em casa.

Em 1964, o casal se mudou para São João Batista, e sem uma maternidade no município, Frida preparou um quarto em casa para atender as mulheres grávidas. “Eu queria abrir uma maternidade, mas como não era possível, fiz uma em casa e atendia duas, três mulheres no mesmo dia”, conta.

Muitas vezes Frida se deslocava até a casa das mulheres para realizar o parto. “As pessoas iam me buscar, subia morros altos, às vezes o carro não chegava, tinha que ir a pé”, lembra.

Para Frida, não existia fim de semana ou feriado. Quando solicitada, largava tudo e ia fazer os partos. Houve um Natal, inclusive, que ela realizou cinco partos. Mãe de quatro filhos, ela lembra que durante seu resguardo também ia atender às mulheres. “Embrulhava bem o meu bebê nos cobertores e levava comigo”.

Além das mulheres de São João Batista, a parteira atendia também as de Major Gercino, Pinheiral, Angelina e Nova Trento.

Frida fazia apenas os partos normais. Por isso, quando chegava até a gestante, fazia primeiro a avaliação do toque para verificar a posição da criança e a dilatação.

“Quando o bebê era grande demais ou vinha de mau jeito, sabia que precisaria de cesárea, então levava para o doutor Nica, em Brusque”, explica.

Pagamentos

Frida não tinha um valor imposto para os partos que realizava. Na verdade, para ela pouco importava se a família tinha dinheiro ou não para lhe pagar. Muitas vezes, a parteira recebeu como pagamento pelo serviço galinhas, aipim, batatas, entre outras coisas. “Eu tinha um amor muito grande pelo que fazia”, diz.



Frida Fernandes Camargo relembra sua trajetória em São João Batista com muito saudosismo

Para ter o controle dos partos que fazia, Frida anotava tudo em um caderninho que guarda até hoje no sótão de casa.

Como procedimento padrão, a parteira ficava com a mãe puérpera, pelo menos, duas horas depois do parto para cuidar. Se tivesse que sair para outro parto, deixava tudo encaminhado e repassava as orientações para outra pessoa responsável.

Na maternidade improvisada em casa, Frida também fazia o pré-natal das gestantes para acompanhar a evolução da gravidez.

Partos marcantes

Alguns partos ficaram marcados na memória de Frida, como um no bairro Colônia Nova Itália, em que uma criança nasceu com dois sexos, porém morreu pouco tempo depois.

No Ribanceira do Sul, a parteira conta que uma criança nasceu com a cabeça de sapo. A criança não resistiu e morreu.

“Aprendi com os médicos, durante a formação, que a mulher não podia levar susto ou se impressionar com alguma coisa ou animal durante a gestação, porque isso ia para o bebê”, afirma.

Ela ressalta que o caso foi tão assustador, que o pai da criança não deixou nem mesmo que a mãe visse o filho. “Ele tirou o bebê, fez o caixão e já levou para o cemitério para ninguém ver. Depois nunca contaram para ninguém”.

No Centro da cidade, próximo ao antigo colégio, uma criança nasceu sem os

ossos do peito e outra ainda nasceu com a cabeça aberta e o cérebro aparecendo.

Algumas vezes, as mulheres de outros municípios, como Major Gercino e Pinheiral, iam até a casa de Frida de caminhão. Mas chegava lá, a criança já estava com metade do corpo para fora.

“Algumas ainda nasciam vivas, mas outras quando chegavam já estavam mortas”, lembra.

Entre as lembranças boas e as tristes, Frida as guarda com carinho. “São recordações que me fazem sentir saudade”, diz.

Uma das situações que deixou a parteira bastante triste foi de uma acusação de aborto. “A mulher tinha ido fazer o aborto em Itajaí, mas quando voltou teve hemorragia e foi para o hospital e morreu. Eu já estava trabalhando no hospital, mas não a atendi, porque aquele procedimento não cabia a mim”, lamenta.

No hospital de São João Batista, a parteira trabalhou por quase um ano.

Momento de parar

Foi ainda na década de 1980 que Frida decidiu largar a profissão de parteira e ajudar o marido na fábrica de sapatos. Nesta nova etapa, o casal ficou até 1996, quando então decidiram se mudar para Tijucas.

Dois anos depois, Frida e Edegar foram morar em Perequê, no litoral catarinense, onde residem até hoje.



O carismático Leleu

Com seu caminhão de brinquedo, o homem de grande coração andava por toda a região

Era pelas ruas da cidade, principalmente pelo bairro Cardoso, que Irineu Jacó de Souza Filho, o Leleu, gostava de estar. Figura icônica em São João Batista, o homem marcou muito a cidade, pelo carisma e humildade.

Com apenas um ano e meio, Leleu contraiu meningite, o que o deixou deficiente e com um retardo mental. A irmã dele, Elza Benta Venera, 77 anos, conta que, devido à doença, o irmão ficou sem andar. “Levávamos ele de um lado para o outro dentro de uma carrocinha de madeira”, lembra.

Quando o rapaz completou nove anos, o pai subiu o morro de Nossa Senhora do Bom Socorro, em Nova Trento e pediu que a santa realizasse um milagre para que o filho pudesse andar, e se acontecesse, voltaria para pagar a promessa. “Dois meses depois ele começou a caminhar e então não parou mais em casa”.

Muito bem quisto em toda a região, Leleu ganhou a confiança das pessoas que o deixavam cuidando de suas casas, comércios e até mesmo dos filhos pequenos. “Se pedisse para ele olhar um bebê enquanto ia ao mercado, ele ficava ali o tempo todo para que nada acontecesse”, conta Elza.

De carona em caminhão, Leleu ia até Major Gercino e depois voltava também de carona com outras pessoas.

“Os representantes de empresas que vinham de fora já conheciam ele e sempre davam carona. Eles pediam para ele cuidar do carro enquanto atendiam um cliente, e então ele não deixava ninguém encostar no carro”.

Sabendo da honestidade do homem, alguns amigos faziam brincadeiras com Leleu, simulando roubos, o que o deixava furioso.

Brinquedo favorito

Leleu adorava carros, especialmente os de brinquedos. Por isso, às vezes ganhava caminhões e carrinhos de brinquedo, os quais ele amarrava numa corda e puxava pelas ruas da cidade.

A irmã conta que não gostava que as pessoas



No asilo em Laguna, a irmã Elza Benta Venera visitava Leleu com frequência

dessem os brinquedos a ele, porque tirava a atenção dele para a estrada. “Ele puxava o caminhão virado de costas para a rua, e teve uma vez que um carro bateu nele por causa disso. Então eu tinha muito medo”, diz.

Sempre quando Leleu voltava para casa depois de um dia todo nas ruas, ele guardava o brinquedo debaixo de uma escada na entrada de casa. “Ele dizia que era a garagem do carro”.

Já mais na fase adulta, Leleu também passou a andar com uma pasta preta debaixo do braço. A irmã revela que dentro ele guardava revistas e fotos de mulheres.

“Ele não deixava ninguém tocar na pasta. Se alguém tentasse tirar dele, ficava furioso e podia até bater”, comenta. Os presentes que mais gostava de ganhar também eram cintos e carteiras.

Fala engraçada

Para Leleu não havia distinção. As pessoas eram todas iguais aos seus olhos. Certa vez precisou ficar internado no hospital devido a feridas nas pernas. Porém, odiava estar naquele local e, por isso, toda noite fugia e voltava para a casa da irmã, com quem morou por 12 anos. “Aquele vez sofreu bastante com ele”.

O cunhado Lauro Venera, 83, conta que, em outra vez Leleu foi atacado por um cachorro e precisou voltar ao hospital, mas não queria deitar na maca. O médico insistiu, mas teve que fazer o curativo com ele em pé. “Na hora que o médico começou a mexer no machucado, que doeu, Leleu gritou: ai ai ai, cavalo burro”.

Alguns bordões utilizados por Leleu

são lembrados até hoje pelas pessoas que conviveram com ele, como: pipi-cocha (galinha), asco (churrasco), veveja (cerveja), pep cola (Pepsi cola) e biço largo (bicho largo).

Leleu odiava chuva, e quando chovia demais, algumas pessoas diziam a ele que daria enchente e ele contrariava: “Não não, pedão, pedão” (perdão, perdão).

Vida no asilo

Aos 45 anos, a família decidiu colocar Leleu no asilo, devido às dificuldades para cuidar. Foi no Asilo Santa Isabel, em Laguna, que ele ficou por 22 anos. “Ele não queria ir para lá, então para conseguir convencer, disse que lá ia ter um monte de mulher bonita”, conta o cunhado.

Elza diz que visitava o irmão com frequência no asilo, e sempre que ia até lá ele perguntava pelos amigos batistenses. “Ele pedia para vir embora, dizia que queria comer pipi (galinha), mas não tínhamos mais condições de cuidar dele, porque ele era teimoso e difícil de lidar”, comenta a irmã.

A volta para São João

Leleu gostava muito das festas do padroeiro da cidade, e foi no dia de São João, aos 67 anos, em 24 de junho de 2012, que ele voltou para o município. Porém, desta vez, para seu sepultamento.

Três meses antes, ele havia sofrido um derrame, ainda no asilo, que atrofiou uma das mãos. E, na manhã do dia 24 de junho, um infarto tirou a vida do ícone batistense.

Lá vem a Nega Vitalina

**Sempre descalça,
Vitalina do Nascimento
andava por toda a
região a pé, falando
sozinha pela estrada**

Quem nunca ouviu falar da Nega Vitalina de São João Batista? Alguns lembrarão dela tocando o sino da Igreja Matriz em todos os enterros. Já outros trarão na memória a imagem da mulher brava, que corria atrás das crianças.

Vitalina do Nascimento era neta de escravos e vagava pelas ruas juntando coisas que, para ela, eram preciosidades, como latinhas vazias ou pedaços de lenha que guardava em casa.

Usava sempre vestido de chita, com um lenço na cabeça e estava sempre descalça. Andava por toda a região a pé. Tinha vezes que ia até Nova Descoberta, em Tijucas, caminhando, para visitar os amigos.

Carona ela aceitava somente das pessoas que conhecia bem. Milton Silva, o Tito, 89 anos, tinha uma marcenaria, e certo dia ele e um funcionário foram levar um móvel em Tijucas e encontraram Vitalina.

“Oferecemos carona, mas ela não aceitava andar junto com homem, por isso foi na carroceria do caminhão”. Ele conta ainda que ela vivia ajeitando seu vestido, porque não usava calcinha.

Nega Vitalina morou por alguns anos com o pai, mas depois que ele morreu, ficou sozinha, pois nunca se casou. A casa dela ficava atrás da igreja. Tito diz que chegou a conhecer o pai dela, que se chamava Martin Bugreiro.

“Todo mundo ajudava ela, dava um saco de farinha, café, de açúcar, porque naquele tempo quase toda família tinha seu próprio engenho de açúcar em casa”, conta Tito.

Sempre que morria alguma criança, Vitalina corria tocar o sino da igreja, ou se havia algum enterro, lá estava ela também para avisar toda a cidade. “Ela foi uma heroína. Tinha seu jeito único, mas respeitava todo mundo”, afirma.

Implicância das crianças

Uma das características da Nega Vitalina era sua braveza. Maria Madalena Maçaneiro, a Lena, conta que uma turma de amigos se reunia para brincarem na estrada. E quando Vitalina passava, as crianças começavam a implicar com ela, dando apelidos. “Eles falavam assim: Vitalina quer coco? Vitalina quer coco? E ela ficava muito brava e corria atrás”.

Ela andava pelas ruas falando sozinha, o que também assustava as crianças. Dalciria Vieira, 85 anos, a Dega, comenta que os pais também assustavam os filhos quando aprontavam.

“Diziam ‘Lá vem a Nega Vitalina’, e as crianças se escondiam dentro de casa, porque achavam que ela iria pegá-las. Mas a verdade é que ela era uma pessoa boa”.

Além da sua braveza, Vitalina não tinha papas na língua e quem lhe tirasse do sério, além de correr atrás, tinha que ouvir palavrões.

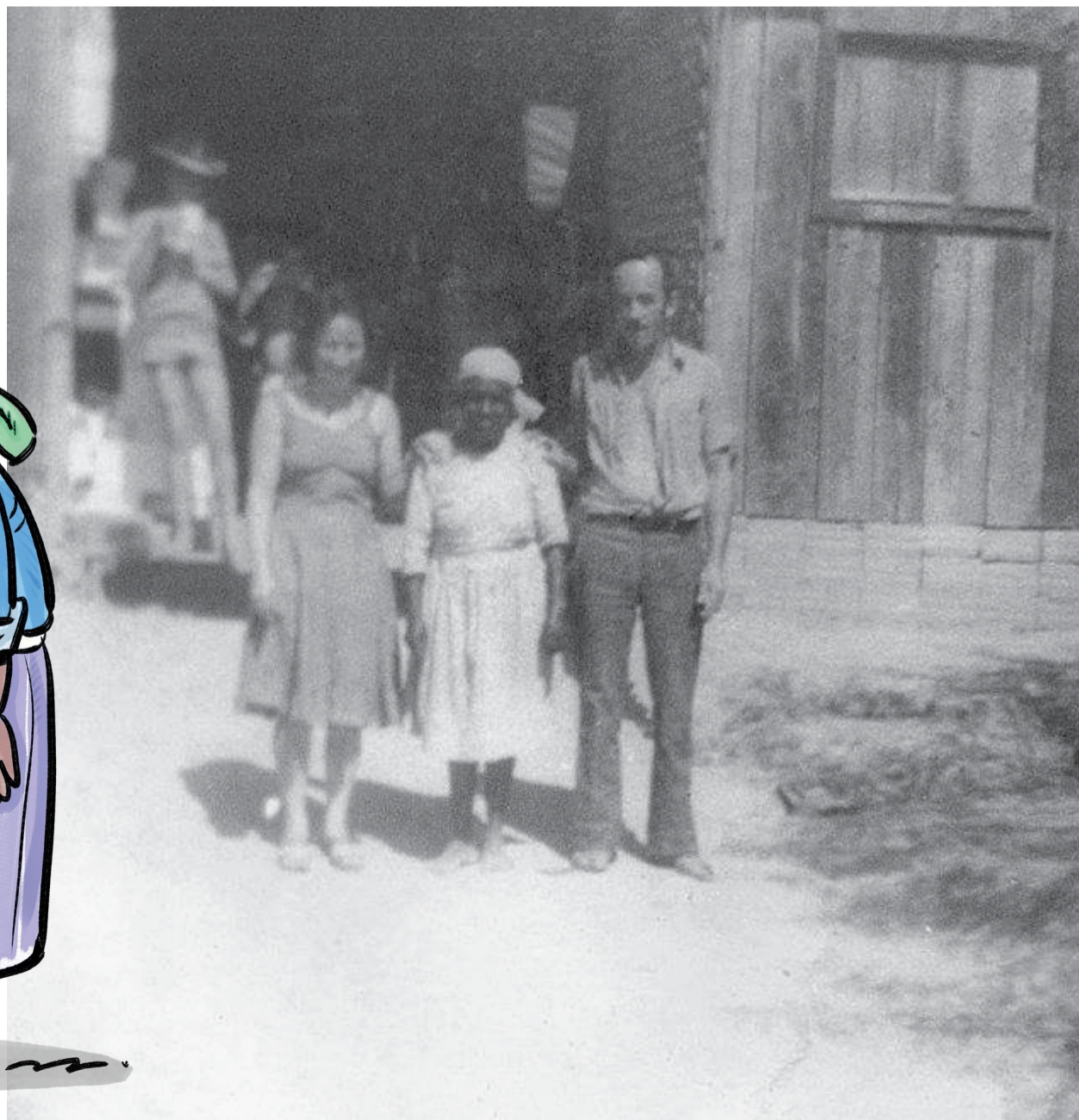
Homenagem

Nega Vitalina morreu há mais de 30 anos. Mas hoje ainda é lembrada com carinho pelas pessoas que a conheceram.

E, para manter seu nome vivo entre os batistenses, ela foi homenageada dando o seu nome a uma rua no Centro da cidade.



ED CARLOS



DNL/GAÇÃO

Nega Vitalina era querida por toda a comunidade, mas sua braveza assustava as crianças

Os mistérios do Japonês do Saco

Por mais de 30 anos, homem passou por São João Batista e região, sempre de forma silenciosa

Quem viveu nas décadas de 70, 80 e um pouco de 90 certamente encontrou com o Japonês do Saco pelas ruas de alguma cidade da região. Não era batistense nato, mas fez parte do folclore da cidade por tê-la visitado tantas vezes.

A verdadeira história de sua vida ninguém nunca soube contar e ele, calado, nunca contou nada a ninguém. Por mais de 30 anos passou por São João Batista,

de forma silenciosa.

Não pedia nada a ninguém, mas todo mundo o ajudava dando roupas e comida. Levava consigo uma panelinha, onde colocava a comida que ganhava. Nunca fez mal a ninguém, mas a falta de informações a seu respeito assustava as pessoas.

Carregava sempre um saco nas costas, mas nunca mostrou o que tinha dentro, e por isso foi apelidado de Japonês do Saco, porque nunca contou seu verdadeiro nome.

Vestia roupas que pareciam de plástico. Solange Melzi, 75 anos, conta que a sensação que se tinha era de que ele nunca trocava de roupa, só colocava uma por cima da outra.

A escritora Darci de Brito Maurici relatou em seu livro São João Baptista - do Alto Tijucas Grande, que várias eram as histórias contadas a respeito do Japonês do Saco.

“Uma até bem dramática fala de um possível envenenamento em uma de suas plantações de tomate, vitimando toda sua família”.

Algumas pessoas diziam que ele havia feito até duas faculdades, mas outras afirmavam que havia ficado louco depois da Segunda Guerra Mundial. A verdade é que ninguém soube o que se passava pela cabeça do Japonês do Saco.

Como andava em círculo, ele sempre voltava a São João Batista. “Ti-

na vezes que ele se sumia. Passava dois a três meses sem aparecer, todo mundo dizia que ele tinha morrido, mas quando via, ele já estava aqui de novo”, lembra Solange.

Por diversas vezes ela o encontrou por Brusque, Tijucas, sempre a pé e com o saco misterioso nas costas. “Não se via ele parado, dormindo em alguma sarjeta. Estava sempre andando”, diz.

Ganhava muita ajuda, mas mesmo em silêncio, sabia em quem podia confiar, e sempre voltava nos mesmos lugares para ganhar um prato de comida.

Terror das crianças

Nunca houve relato de que o Japonês do Saco havia cometido algum crime. Porém, para amedrontar as crianças, os pais diziam para seus filhos que o “Velho do Saco” iria pegá-los se não obedecessem.

“Era uma forma de causar medo nas crianças, porque ele já tinha uma aparência assustadora. Quando passava na estrada, as crianças corriam para dentro de casa”, comenta Solange.

Os pais ainda diziam que dentro do saco havia um monte de crianças desobedientes que ele pegou para fazer sabão.

Depois de uma de suas andanças por São João Batista, já na década de 90, o Japonês do Saco nunca mais foi visto. Os relatos, nunca confirmados, são de que ele foi atropelado na SC-410 e morreu.



ED CARLOS



DIVULGAÇÃO

O vendedor de louças Bentivi

Com sua carroça, Antônio Manoel da Silva viajava por toda região a trabalho

Louça boa era aquela vendida por Antônio Manoel da Silva, o Bentivi. De carroça, ele andava por toda a região oferecendo seus produtos. Natural de Biguaçu, ele vinha com frequência para São João Batista, até conhecer Lúcia, a Cici.

A irmã dela, Maria Madalena Maçaneiro, 65 anos, a Lena, lembra que o homem veio para a cidade visitar uma família e mandaram chamar Cici. “Os dois foram apresentados e fugiram juntos para Sorocaba, em Tijuca”.

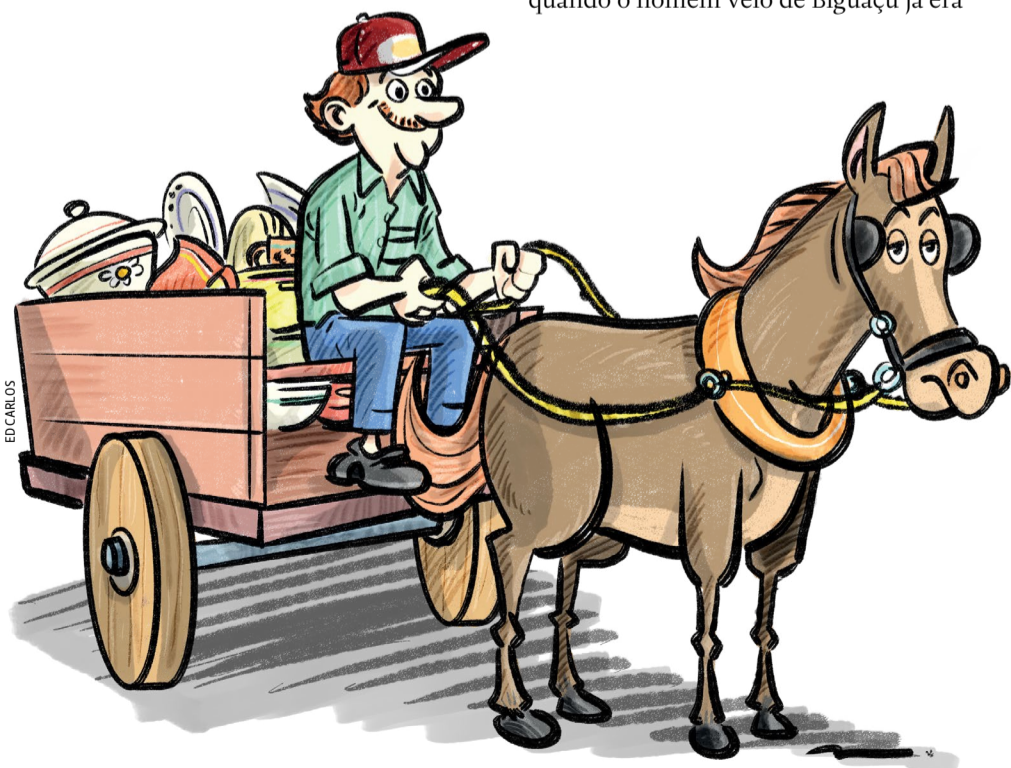
Certo tempo depois, o casal voltou para São João Batista, onde ganhou um terreno e construiu sua casa. Nesse local, ele também ficou responsável de ser o cuidador de todo o restante do terreno.

Todos os dias, Bentivi saía de casa para vender seus produtos. Ele viajava por toda a região, chegava a ir até Florianópolis de carroça e retornava. “Ele era uma pessoa muito brincalhona, e tinha um pouco de maldade também, quando mexia com as mulheres”, recorda Lena.

Na cidade, fez grandes amigos e além de ficar conhecido por estar sempre com a carroça, também foi um grande jogador de dominó nos botecos dos amigos.

Apelido

Lena não sabe contar de onde surgiu o apelido do cunhado. Segundo ela, quando o homem veio de Biguaçu já era



ED CARLOS



Maria Madalena Maçaneiro relembra a vida do cunhado em São João Batista

chamado assim. Porém, o mais curioso é que Antônio não suportava que o chamassem de Bentivi.

“Ele sempre se apresentava como Antônio nos lugares, mas às vezes, para fazer alguém o reconhecer, ele precisava dizer que era o Bentivi”, lembra a cunhada.

Sabendo dessa repulsa pelo apelido, as crianças e até mesmo os mais jovens costumavam enticar. “Ele ficava muito bravo quando o chamavam de Bentivi, saía correndo atrás para sorrir. Mas nunca bateu em ninguém não”.

Serviço na Usati

Algum tempo depois, morando em São João Batista, Bentivi começou a usar

seu veículo de locomoção, a carroça, para servir à Usati, antiga Usina de Açúcar, que era a principal fonte de renda da população.

A cunhada Lena conta que, com a carroça, Bentivi auxiliava transportando as canas de açúcar para a usina.

Retorno a Biguaçu

Bentivi e Cici nunca tiveram filhos. Após a morte da esposa, ele permaneceu por pouco tempo em São João Batista.

“Ele já estava com mais de 80 anos, então a família dele de Biguaçu veio buscá-lo e levou de volta para aquela cidade. Logo depois ele também morreu”, conta Lena.

DNU/GAÇÃO

É lá na Volta da Suzana

Local ficou conhecido pela figura da moça, que passava os dias debruçada na janela de casa

Era em uma das janelas da casa de madeira velha, que a moça Suzana passava seus dias. Sem nunca ter se casado, ela morava junto aos seus dois irmãos, em uma casa que ficava em uma curva, na atual rua Marcolino Duarte. O local era bem próximo a antiga Usati – Usina de Açúcar, após um canavial.

A professora Raquel Mazera Poffo lembra que os antigos moradores contavam que, uma vez, Suzana sofreu um acidente. Ela caiu do caminhão de um senhor chamado Sinézio Duarte, e as rodas passaram por cima das duas pernas e as quebraram.

Sem ter outra ocupação, Suzana ficava debruçada na janela que dava de frente para a estrada e, a quem passava por ali, fazia diversas perguntas. “Ei, de quem tu és filho? Onde tu vais a essa hora? O que é que tu compraste?”

Raquel era ainda criança, mas guarda na memória as lembranças de Suzana. “Ela queria saber de tudo, da vida de todo mundo. Às vezes a molecada enticava e ela ficava brava, xingava, falava uns palavrões”, conta.

E era assim também que acontecia quando as pessoas não respondiam às perguntas da mulher. E foi esse comportamento de Suzana que fez com que as pessoas, especialmente as crianças e adolescentes, ficassem com medo de passar pela frente da casa dela, especialmente durante a noite.

Mas era por ali também que as crianças gostavam de brincar, pois próximo à casa da Suzana, em um barranco perto ao rio,



Professora Raquel Mazera Poffo recorda a história de Suzana e dos medos que as pessoas tinham em passar em frente à casa de madeira

era depositado o lixo da Usati. “Como tinha o ambulatório, eles descartavam por ali as seringas e as crianças iam catar para brincar em casa”, conta Raquel.

O irmão dela era um dos que integravam o grupo da criançada, que depois que encontrava as seringas as levavam para casa, para encher de água e jogar nas galinhas. Mas antes de tudo, precisavam enfrentar as perguntas da Suzana, sobre o que carregavam nas mãos.

A estrada ainda não possuía calçamento e era bastante escura, o que aterrorizava as pessoas. Passar ao anoitecer pelo local causava grande ansiedade. Alguns apressavam o passo ao passar pela casa de Suzana, outros preferiam até mesmo dar uma corrida.

Ponto de referência

Foi pela figura da mulher intrometida na vida alheia que o local ficou

conhecido como a Volta da Suzana ou também Curva da Suzana. “Quando as pessoas queriam se localizar sempre usava essa expressão. Ainda hoje, quem é natural mesmo de São João Batista usa a Volta da Suzana como referência”, comenta Raquel.

Depois que Suzana e os irmãos morreram, a casa foi desmanchada. Foi feito um aterro no local onde havia a curva, na época do prefeito Wilde Carlos Gomes.

Atualmente, o local é conhecido pela antiga pizzaria Cavalo Doido, que atuou por anos em São João Batista e também se tornou ponto de referência.

Em São João Batista, existem ainda diversos outros pontos de referência que ficaram conhecidos e são utilizados, inclusive, pelos mais novos, de tanto que os moradores antigos falavam.

Alguns bastante conhecidos são: atrás da Banda velha, rua da Vazeze, Morro do Zé Brasil, reta do Olimpo.

Pedro Cego e sua viola

Acompanhado do neto, ele caminhava pela cidade vendendo quinquilharias e cantando suas canções

Aos 25 anos, Pedro Albano de Souza se mudou para São João Batista. Antes disso, aos 12, perdeu a visão, e passou a ser conhecido como Pedro Cego. Foi com Bernardina Sebastiana de Jesus que ele casou e teve cinco filhos.

Na cidade, ficou muito conhecido por ganhar a vida vendendo quinquilharias. Estava sempre acompanhado de um neto.

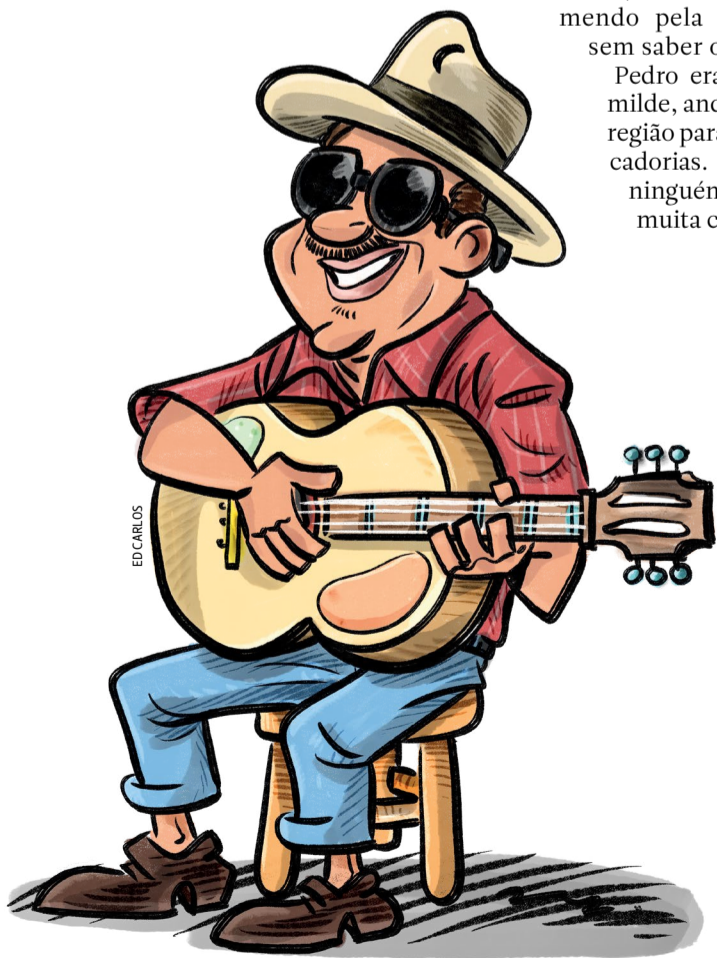
Milton Silva, o Tito, 89 anos, morador do bairro Cardoso, e o primeiro vereador do município, lembra de Pedro com muito carinho. “Era uma pessoa muito boa, não fazia mal a ninguém. Foi muito meu amigo”, conta.

Toda segunda-feira, quando não chovia, Pedro ia até a casa de Tito almoçar. “Um dia eu disse a ele que não tinha carne, que seria peixe e ele me respondeu: “Cego também come sardinha”, lembra.

Pedro Cego era também conhecido como tocador de viola, e isso fazia com que pessoas de outros municípios, como Major Gercino, Nova Trento e Canelinha, viessem até São João Batista só para ouvi-lo tocar. “Ele queria me ensinar a tocar violão também, mas eu não ia aprender”, conta Tito.

Uma das canções que Pedro cantava para Tito dizia: “A vida do cego é triste, viver na escuridão. Comendo pela mão dos outros, sem saber o que lhe dão”.

Pedro era uma pessoa humilde, andava a pé por toda a região para vender suas mercadorias. Não pedia nada a ninguém, mas ganhava muita coisa das pessoas.



Milton Silva, o Tito, foi um grande amigo de Pedro Cego, que o visitava toda semana

“A gente dava para ajudar. Naquela época não era preciso ter dinheiro para sobreviver. As pessoas ajudavam dando farinha de mandioca, fubá, açúcar, que muitas famílias faziam nos engenhos em casa”, comenta Tito.

Muito inteligente, Pedro, mesmo cego, sabia reconhecer as moedas de um ou dez tostões e as notas de 200, 300 réis.

Amigo de todos

Pedro Cego era amigo de todos e reconhecia as pessoas pela voz. Não se deixava ser enganado. Tito recorda que, quando entrava na igreja, Pedro já disse: “É o Tito né?”, pois pelo jeito de andar já o conhecia.

Quando o neto cresceu, decidiu seguir outra vida e deixou de acompa-

nhar Pedro. Foi então que ele passou a ficar mais em casa.

Ele faleceu aos 75 anos de idade, mas as lembranças dos acordes musicais permanecem vivos nos batistenses que o conheceram.

“Tive a felicidade de conhecer o Pedro. Foi uma pessoa muito boa, honesta com todos. A gente sempre ajudava ele, comprando suas coisas, dava um trocado a mais também”, diz Tito.

Mesmo sem estudo, Tito foi vereador do município logo após a emancipação e ficou por oito anos.

“Naquele tempo não se recebia nada, mas aprendi muito com as pessoas. Assim como Pedro Cego, o povo era muito dedicado. Se preciso fosse, regava a planta com o suor que caía do rosto, sem falar na união de todos para fazer as coisas para a comunidade”.



As guloseimas de Dona Palmira

Com ponto de venda de pirulitos e cocadas em frente à igreja, doceira conquistou a cidade

Ah, quem pudesse voltar ao tempo para saborear os deliciosos doces da dona Palmira Araújo, tratada por muitos como Nega Palmira. Quem a conheceu traz grandes recordações da ótima pessoa que era.

Descendente de escravos, a mulher da pele negra e um pouco acima do peso atendia a todos com o maior carinho e presteza, quando era solicitada.

Por muito tempo morou em uma residência em frente à Igreja Matriz, na praça Capitão Amorim. Depois, mudou-se para a rua Jorge Lacerda, que ficou mais conhecida como a rua da Farroupilha.

Com muita destreza, dona Palmira fazia pirulitos e cocadas para vender. O principal ponto de venda era na porta da Igreja Matriz, na saída das missas. Ela também aproveitava as festas do padroeiro São João Batista para fazer um dinheirinho extra, com a venda dos doces.

Impossível passar por ela e não parar para comprar um dos seus quitutes. Como as pessoas já a conheciam, sempre guardavam umas moedas para, ao fim das celebrações, comprar os doces para levar para casa.



Solange Melzi lembra que as cocadas de dona Palmira sempre foram as melhores

As vendas dos doces aconteciam também pelas ruas da cidade. Dona Palmira andava calmamente oferecendo seus produtos e, raramente, voltava para casa com sobras.

Solange Melzi, 75 anos, guarda até hoje nas lembranças o sabor das tradicionais cocadas de Palmira. “As melhores cocadas eram as dela. Não tinha como não comprar”, diz.

Maria Madalena Maçaneiro, 65, a Lena, era criança ainda quando conheceu a doceira. Como sempre morou na mesma rua da dona Palmira, se tornava impossível resistir aos tentadores pirulitos.

“Todo dia quando saía de casa para ir para escola, parava na casa dela para comprar um pirulito”, lembra.

E era assim com os outros amigos também. Por isso, a casa de Dona Palmira estava sempre cheia de crianças.

Lena detalha que os pirulitos feitos

pelas mãos de Palmira ganhavam formas que deixavam os doces ainda mais atraentes, como gatos, cachorros, galos. “Isso é algo que foi bem marcante. Lembro bem até hoje”, diz.

Segredo das receitas

Lena conta que as receitas usadas por dona Palmira eram secretas, pois nunca descobriu como eram feitos os doces. Ela se recorda apenas de ver a doceira colocando as massas nas forminhas para endurecerem e virarem pirulitos.

As cocadas de dona Palmira também tinham um sabor único, com bastante personalidade, o que tornava fácil reconhecer que tinham sido feitas pelas mãos dela.

A casa de dona Palmira cheirava a doce. Doces que eram feitos com muito amor e zelo.

Lobisomem do Arataca

Odílio José Crispim ouviu muitas histórias do pai, e diz que presenciou dois lobisomens no terreno de casa

Aos 85 anos, Odílio José Crispim, morador do bairro Timbezinho, se lembra bem das histórias que o pai contava. Foi no bairro Arataca, local onde nasceu e se criou, que vivenciou também momentos assustadores.

Ele nem era nascido ainda, mas o pai contou que uma noite ouviram as galinhas chocas fazendo o maior barulho. A mãe pensou que fossem animais que estavam mexendo com as aves e saiu na rua para ver.

“Quando ela olhou tinha duas mulheres sentadas em cima da porteira dando aquelas risadas altas, então elas correram. Elas eram bruxas”, diz.

Certa vez também, um homem, desconfiado que seu amigo pudesse ser o lobisomem, o chamou até sua casa para lhe dar um presente.

“Enquanto foi buscar, esse amigo deixou o boné em cima de um palanque de madeira. Quando o homem voltou, estava com uma espingarda e atirou na direção do boné e não conseguiu descobrir se era verdade ou não”.

Mas Odílio não só escutou as histórias do pai, como também presenciou os lobisomens ao



Odílio José Crispim chegou a correr atrás dos lobisomens, mas se sumiram no mato

redor de casa.

Ele conta que tinha seus 17 anos quando a vaca que estava amarrada no pasto começou a mugir. O pai estava sentado perto do fogão a lenha e mandou Odílio ver se ela estava enrolada na corda.

“Quando abri a porta veio um lobisomem. Ele bateu a cola na janela e correu. Eu fui atrás, mas se sumiu no mato”, detalha.

E teve uma segunda vez que Odílio viu o lobisomem. Não se sabe se era o mesmo ou já era outro. Mas, passados alguns dias, a família ouviu um barulho pelo lado de fora e o pai mandou Odílio ver se era o irmão mais velho que havia chegado.

“Eu abri a porta e o lobisomem passou por mim e esbarrou ainda a cola nas minhas pernas. Eu corri atrás dele, mas chegou perto do parreiral e ele se sumiu”, diz.

No bairro Arataca, Odílio diz que existiam muitos lobisomens, mas nunca conseguiram saber quem era. “De dia era uma pessoa normal, mas chegava de noite se transformava em lobisomem e saía para a rua para pegar os animais ou pessoas que encontrasse”.

Odílio não sabe explicar, mas depois de um tempo não ouviu mais falar de lobisomens e bruxas e também não viu mais nenhum.

Primeiros moradores do Timbezinho

Odílio conheceu a esposa Paulina Baugartner Crispim no bairro Limeira, em Brusque. Ele pedalava 75 quilômetros para ver a mulher.

Depois que casaram, os dois moraram em diversos lugares, inclusive no Paraná, mas foi no Timbezinho que criaram os filhos. “Quando chegamos aqui, há mais de 50 anos, tinham só uns quatro ou cinco moradores”, conta.

Há dois meses, Paulina morreu, o que deixou Odílio bastante triste. Sempre muito trabalhador, Odílio, que é agricultor, ainda tem muita disposição para cuidar dos porcos, galinhas e novilhos.

Com sua motocicleta, ele ainda viaja até Brusque para visitar os parentes. E, até o último domingo, 14, o agricultor jogava futebol. “Faltam dois gols para chegar a 780 gols que fiz em 20 anos. Mas agora não vou mais jogar”, conta.

Ele revela que uma de suas manias é levantar todo dia a uma hora da madrugada para comer uma feijoada ou polenta frita com queijo.

Bastante conhecido no bairro, Odílio afirma que o segredo para uma vida feliz e duradoura é o respeito e honestidade aos outros.



O fantasma do Homem de Botas

Contam os antigos que, se a misteriosa assombração pegasse alguém, puxaria para dentro do rio

Quem viveu pelos anos de 1930 lembra bastante de histórias assustadoras de assombrações, lobisomens e bruxas. Até hoje os contos são repassados aos netos e bisnetos com a garantia de que realmente aconteceram. Se as histórias são ou não verdadeiras, ninguém poderá comprovar.

Elza Piva Florêncio, 88 anos, por exemplo, garante ter visto muita coisa “estranha” próximo ao rio Tijucas, no bairro Cardoso, onde morava com a mãe e irmãos.

E tudo acontecia no calar da noite, pois naquela época não existia energia elétrica. A casa era iluminada apenas por uma lamparina a querosene.

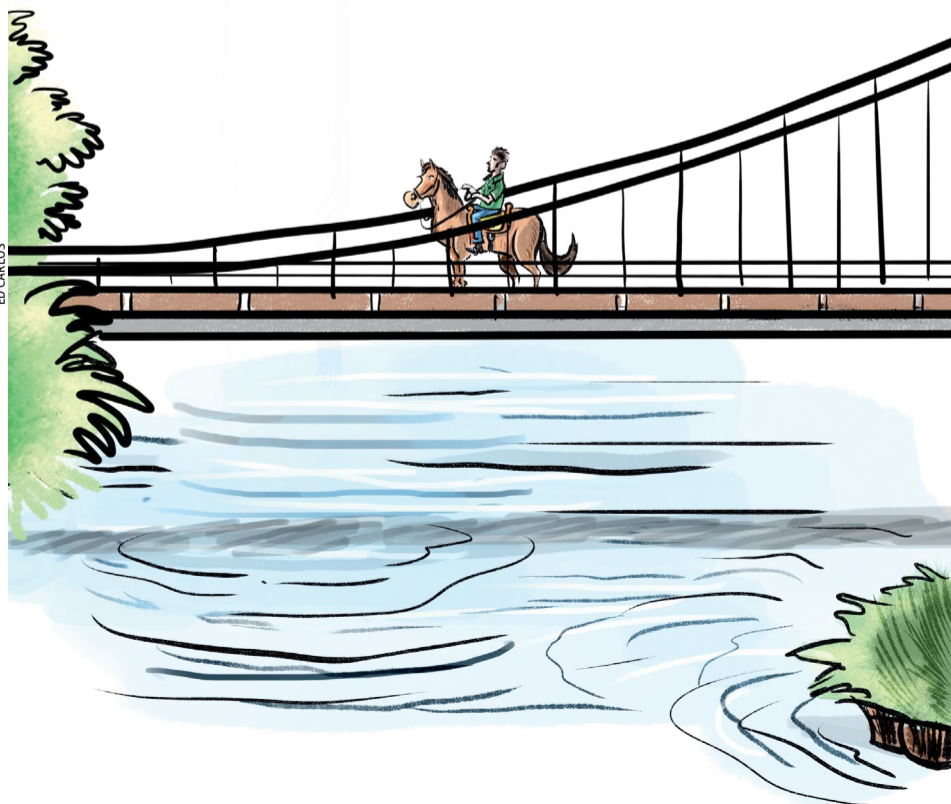
A mãe, Jordina Régis, era a mais corajosa e saía em meio a escuridão para enfrentar o que fosse. Já Elza e os irmãos se escondiam dentro de casa por medo.

Entre as lembranças assustadoras, Elza conta do dia em que um homem de botas, montado num cavalo, tentou atravessar a ponte pênsil que liga os bairros Cardoso a Ribanceira do Sul.

“Ele subiu na ponte com o cavalo, mas



Elza Piva Florêncio, 88 anos, viu muitas assombrações acontecerem próximo ao rio Tijucas, no bairro Cardoso



o cavalo ficou e ele se jogou do barranco abaixo. O corpo dele foi achado metros à frente, lá na Ribanceira do Sul”.

Elza diz ter visto tudo, mas ninguém conhecia o homem, nem sabiam de onde ele tinha vindo, porque não chegou a trocar nenhuma palavra com ninguém.

Mas depois desse acontecimento, as pessoas passaram a ouvir o barulho das botas do homem. “Ninguém via nada, só dava para ouvir como se tivesse alguém caminhando por lá de botas”, diz.

Certa vez, um conhecido de Elza resolveu enfrentar o homem da bota para ver o que iria acontecer. Mas ao ouvir aquelas passadas fortes foi tomado pelo medo e saiu correndo.

“As pessoas diziam que se ele alcançasse alguém, puxaria para o rio junto com ele”, detalha.

Depois disso, Elza, que já era acostumada a trabalhar durante a noite ajudando os pais na roça, não saiu mais de casa depois de anoitecer. “Tinha muito medo”.

Peixe grande

Elza lembra também de outro homem que afirma ser uma assombração do rio. “Ele estava a pé, foi atravessar a ponte, mas quando subiu, já caiu no rio”, conta. Ninguém chegou a falar com ele, porque parecia ser louco.

Depois que caiu nas águas, o homem misterioso nunca mais foi visto. “Ele se sumiu pelo mato, vimos na curva do barranco só. Mas não deu uma palavra com ninguém”.

Em outro dia, Elza e os irmãos estavam pescando na beira do rio e ouviram um homem se jogar na água.

“Era noite, a gente não via quem era, só sabia que era um homem, pelo barulho que fazia na água. Era uma assombração que vinha nos assustar”, diz.

Ao contar para a corajosa mãe, esta dizia às crianças que eram os peixes grandes que ficavam pulando na água. Mas os filhos não acreditavam, porque o barulho era de gente grande.

A casa mal-assombrada do Carmelo

Choro de criança assustava os moradores em uma casa abandonada, na entrada da pedreira

Mal-assombrada mesmo era a casa velha, de madeira, na entrada da pedreira, no bairro Carmelo “de dentro”. Aquilo sim dava medo nas pessoas.

Antes de morrer, em novembro de 2018, Agostinho Pedro da Cruz, 88 anos, deixou eternizada essa história que integrará também o livro *Contos e Causos de São João Batista*, da professora Raquel Mazera Poffo.

A filha Terezinha da Cruz também lembra da história que o pai adorava contar para ela e seus oito irmãos. Natural de Angelina, Agostinho se mudou para o Carmelo com três filhos pequenos.

“Trabalhou por muito tempo como rendeiro de terras e conseguiu comprar um terreno grande no Carmelo, na entrada da pedreira”, conta.

Agostinho ficou bastante conhecido no bairro por ser um dos moradores mais antigos. Foi também um grande agricultor, e trabalhou na Usati, a Usina de Açúcar, por anos, primeiro na produção e depois como vigia.

Com muito esforço e trabalho conseguiu, ao lado da esposa, criar os nove filhos, até ser acometido por um enfisema pulmonar que o tirou a vida.

Choro de criança

Foi daquela casa que construiu no bairro Carmelo que Agostinho viu acontecer a assombração da casa de madeira. Segundo ele, durante a noite as madeiras da casa

ficavam estralando, o que já causava um pavor nos moradores ao redor.

Ninguém mais saía à noite na rua, com medo da casa. Se precisasse sair, apressavam o passo para passar em frente à misteriosa casa.

A residência pertenceu a um tal de “juiz”, mas pouco se sabe dele, pois a casa era frequentemente alugada para outras pessoas.

Certa vez, uma família começou a morar na casa e nasceu uma criança. Porém, os pais não tiveram tempo de batizar o bebê, que logo morreu.

A partir disso, os moradores da região sempre que passavam em frente àquela casa ouviam um assustador choro de criança.

Benze que passa

Ninguém tinha coragem de entrar na casa, que depois ficou abandonada por muito tempo.

Por muitos anos as pessoas ficaram sem entender o motivo daquela assom-

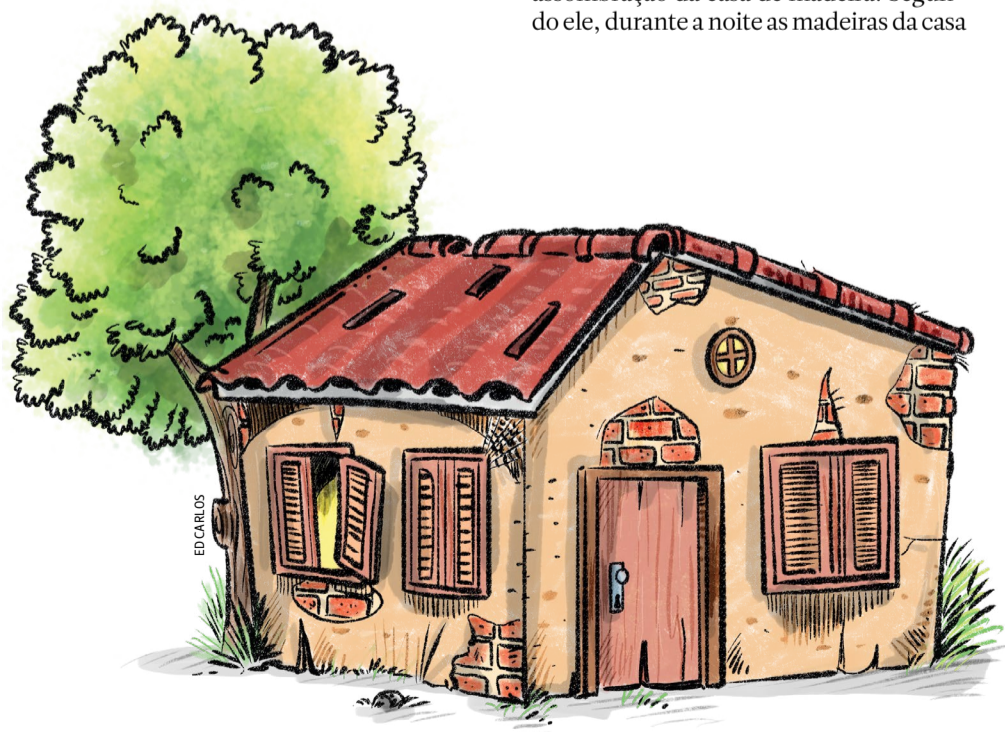
bração, até que foram atrás para descobrir a verdadeira história.

Para se livrarem da assombração da casa de madeira, os moradores chamaram um padre que fez um benzimento no local. Depois disso, nunca mais ouviram a criança chorando.

Anos depois, a casa foi destruída e deu lugar a novas construções. Mas as lembranças da assombração ficaram guardadas nas memórias daqueles que ouviram a história do saudoso Agostinho.

Memórias batistenses

Em seu livro *Contos e Causos de São João Batista*, a professora Raquel Mazera Poffo traz mais de cem personagens que contam suas histórias de arrepiar os cabelos. Para viabilizar a impressão da obra, a escritora realiza uma vaquinha online para arrecadar o valor de R\$ 10 mil. Quem quiser contribuir com o trabalho pode entrar em contato pelo telefone (48) 9 9907-1148.



Agostinho Pedro da Cruz, 88 anos, morreu em novembro do ano passado, mas deixou eternizada a sua história

